

**DO CONCEITO CLÁSSICO
DA ARTE A SUA
DESMATERIALIZAÇÃO**

FROM THE CLASSICAL CONCEPT
OF ART TO ITS
DESMATERIALIZATION

DEL CONCEPTO CLÁSICO DEL
ARTE SU DESMATERIALIZACIÓN

Nayara Lopes Botelho^{1, 2}

Resenha:

Livro: **Arte: resistências e rupturas – Ensaios de Arte Pós-clássica** de *Cristina Costa* São Paulo: Moderna, 1998. – (Paradoxos).

Recebido em: 11.01.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

¹ Graduação em Artes Cênicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM-UFT). E-mail: nayaralopesbotelho@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Tocantins, Universidade Federal do Tocantins, campus Palmas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM-UFT). Quadra 109 Norte Avenida NS 15, Plano Diretor Norte, CEP: 77001-090 - Palmas, TO – Brasil.

Cristina Costa, autora do livro, inicia falando sobre a 23ª Bienal, afirmando assim, que a mesma buscava em suas amostras a essência da arte, arte essa que está desprovida de contaminação. Logo afirmando um conceito novo, DESMATERIALIZAÇÃO, onde se é possível ficar se perguntando sobre o que seria isso? Ela diz que, tal *desmaterialização* era usada no sentido das utopias e ideologias atuais.

Deste modo, Costa compara a arte a um shopping center, pois a Arte, faz referência aos conflitos e contradições de seu tempo, visto que, *As obras trazem a marca do seu tempo – sua permanente atualização, sua fixação no presente, sua desmaterialização diante de qualquer esforço de preservação e memória.* (COSTA, 1998, p. 14)

Ao tocar nesse assunto Costa, inicia o percurso histórico do livro. Ela diz que a Arte foi – e ainda é –, influenciada pelo classicismo grego, período em que a arte verdadeiramente se institucionalizou. Tal classicismo era baseado em um intelectualismo estético, onde a arte era estudada em seu total de símbolos.

Foi nesse período que a Arte começou a ser baseada pela habilidade de *mímeses, “imitação”: a capacidade demonstrada pelo artista na reprodução e mais natural e perfeita possível da realidade visível.* (COSTA, 1998, p. 29) E não pelo valor que a ideia expressava. Tal intelectualismo estético era baseado em conteúdo, e não somente em sentimento.

Então a beleza que outrora era valorizada, era a beleza Naturalista, onde a obra artística era idealizada. Não havia o “belo” e sim a “moral”, o que fazia com que a Arte grega se misturasse no sentido da técnica X o valor pedagógico (moral).

A valorização da habilidade manual e do gesto confundia-se com o caráter pedagógico que se buscava atribuir à arte, atribuindo-se grande importância à sua capacidade de agregar valor moral à vida e aos acontecimentos. (COSTA, 1998, p. 29 e 30)

O que nos faz questionar e perceber que, atualmente, a arte clássica ainda perpetua em nossa sociedade, pois há uma gama de influências nesse mesmo aspecto. Vejamos só a famosa cultura de massa, não interessa muito a arte em si, mas sim, o que ela quer mostrar, o que ela quer implantar em nossa mente e vontade. Veementemente, notamos que atualmente tal clássico remete sempre ao consumo exacerbado, fazendo sempre a alusão direta da indústria e indireta do capitalismo. Ou seja, o capital sempre está em jogo.

Voltando ao livro novamente, podemos perceber que esse aspecto também era extremamente notório na época clássica da Grécia. Naquela época a arte era encomendada ao artista pela alta sociedade, então a arte era feita somente com vistas ao retorno financeiro imediato. Esse fato refletia diretamente na situação do artista, ele era simplesmente uma mão de obra técnica para se então realizar um ideal de beleza. O artista era massificado de tal forma que sua livre expressão e pensamento era excluída, o que fazia com que a arte tivesse o caráter público, ou seja, o artista sempre tinha que agradar ao público antes mesmo de se realizar artística e esteticamente. Seu potencial expressivo não era valorizado.

Outro acontecimento que podemos associar a esse sentido, foi o surgimento da burguesia, essa que para alcançar a posição social que almejava, começou a adotar o mesmo comportamento que a alta classe social grega usava, o de utilizar a Arte como forma de se auto privilegiar, o mecenato. Costa sempre faz entender que a arte em si, está sendo usada como forma de privilegiar alguém ou algum alvo específico, já que a mesma quando assim utilizada é influenciada pelo ideal Clássico.

Costa no decorrer de seu livro traça uma linha cronológica em que demonstra que o classicismo esteve sempre presente em outros períodos da história influenciando a forma do fazer da arte em seu sentido mais estético. Na época da Idade Média a técnica era utilizada unicamente para evocar os sentimentos que Deus trazia aos artistas, o que também privilegiava as instituições religiosas daquele período, e o artista como sempre ficava em seu espaço somente de técnica e não de subjetividade.

O mesmo ocorreu na época do Renascimento, a Arte era usada como meio de se lutar contra as instituições e cultura medieval. Entretanto, aconteceu algo inusitado nesse período, o valor da arte começou a superar o valor do capital nele empregado. O artista começou a tomar as rédeas do que ele produzia, a sua concepção em relação a obra passou a ser o foco da arte naquele período.

Algo interessante é o fato que ainda na Grécia havia uma certa unicidade nos pensamentos filosóficos, agora quando o classicismo adentrou a Europa, podemos perceber que houve uma divisão em todo tipo de instituição filosófica. Isso ficou conhecido como Arte X Ciência; como estamos tratando de Arte, podemos usar como exemplo o fato da Arte ter se dividido em diversas linguagens como a pintura, a escultura, o teatro, a dança e as outras formas. Hoje mesmo o mundo é cheio de delimitações que abrangem não só a área da arte mais também de todos os campos de estudo.

No período iluminista começou a existir uma abertura para a subjetividade do artista, aplicando assim, cada qual em sua obra artística. O ato criativo assumiu maior importância, o que gerou um aspecto mais abstrato do que se conhecia anteriormente. Outro aspecto interessantíssimo foi que, como o artista passou a ter uma autonomia diante de sua obra, uma postura foi desenvolvida, que era a de não mais se encomendar uma obra, e sim comprar

uma ideia criativa de um artista que se admira. Passava-se então a valorizar a ideia criadora antes mesmo do ato criativo. A crítica da arte então tomou outra postura, onde se avaliava a técnica aplicada a intenção do fazer artístico, começou-se então a valorizar no artista e na sua obra a ideia criadora, a sua concepção.

Importa dizer que não somente a arte era institucionalizada, mas sim o artista. O classicismo influenciou também na Europa Moderna o desenvolvimento da indústria cultural, fazendo com que houvesse a multiplicação dos espaços de produção artística, o que dava maior credibilidade tanto a Arte quanto ao artista. Na Europa Moderna houve uma certa renovação da Arte, renovação essa que vai de encontro – em partes –, com o ideal contemporâneo de Arte, ou seja, a sua essência; o aparecimento de novas formas de expressão, o movimento das vanguardas.

Nesse período, a crítica de Arte somente orientava o olhar do público, assim revelando o que o artista quis dizer através de sua obra. Houve o aparecimento de novos códigos estéticos pela necessidade de experimentação. Essa inovação gerou altos patrocínios para os artistas que realizassem uma criação exclusiva. O que gerou a "Arte pela Arte", [...] *voltada unicamente para as necessidades de pesquisa e de desenvolvimento das linguagens, sem concessões a um público fiel, [...]* (COSTA, 1998, p. 51).

Podemos ver assim a "Era das Revoluções", pois houve uma renovação do gosto estético. A Arte realmente passou a ser Arte em sua essência. O artista tinha que produzir para vender e não ao contrário, o povo buscava inovações que pudesse atender a demanda de "carência" estética que tinham. Isso porque a Indústria Cultural gerou novas tecnologias como cinema, fotografia, entre outros, que realmente gerou demanda de obras inéditas.

E nesse sentido, Costa se faz compreender o que é e onde se aplica aquele conceito tão estranho que anteriormente falara. Atualmente, a Indústria Cultural que foi criada para a Arte e o artista, os tem desmaterializado, isso no sentido da autoria do artista, pois tal indústria deixa desprovido dos meios de produção o artista que constituiu a obra. O que gera a cultura de massa, até então desprovida do senso crítico estético. Tudo isso sob a imagem do produtor, produtor esse que praticamente, através do jogo de reprodução da Arte, tira o direito de autoria do artista em sua obra. Ou seja, o capitalismo volta a mandar na obra. Acabamos por regredir a esse ponto.

A desmaterialização separa tarefas dentro do processo de construção de uma obra, assim havendo a ideia, o projeto, a realização técnica, a reprodução e a divulgação do produto artístico, esses dois últimos sendo, portanto, papel do produtor. A Arte Técnica se mostra um tanto ameaçadora ao artista neste ponto, pois a mesma tira os recursos que eram praticamente direito do artista e modifica novamente o ideal e a essência da Arte, tornando-a capitalista e com aquele aspecto clássico, o de estar influenciando seus receptores a alguma coisa.

Assim, o artista novamente se torna autor de suas ideias e não mais de seu produto, se observarmos, atualmente a cultura clássica apenas virou os pontos de atuação para lados opostos. Antigamente o artista apenas [...] *vendia uma habilidade manual ou técnica e não uma concepção artística, uma ideia, ou seja, criatividade [...]* (COSTA, 1998, p. 55). E para essa criatividade, havia apenas uma remuneração por tarefa e não pela criação de um produto inovador.

Hoje o artista obedece ao mercado da Arte, esse mesmo que exige formas mais institucionalizadas, uma Arte mais crítica e sistêmica. Assim a mesma se mostra não apenas como forma materializada, mas também, como forma de pensamento, pois expressa uma ideia, e reflete a imagem do artista

como um ser criativo: o artista é reconhecido por um estilo individualizado, ele vê e pensa o mundo de uma forma diferente, o que acaba se materializando em seu produto artístico. O que para muitos é a verdadeira essência da Arte.

Dessa forma, no modo “descontaminado” da cultura clássica, o artista gera obras únicas, assim aumentando o número de procura por pessoas colecionadoras, o que mostra que a verdadeira Arte não necessita ser comprada – encomendada –, para dar certo. Assim, esse produto “descontaminado” não se torna somente uma obra única, mais também uma obra-prima, pois possui um valor individual e exclusivo. Isso simplesmente realça o direito autoral do artista, *[...] se antes se desmaterializavam a obra e o gesto, na medida em que a arte se tornava cada vez mais abstrata e intelectual, agora se desmaterializa a autoria da obra, com a reprodutividade mecânica do gesto artístico.* (COSTA, 1998, p. 58).

Um ponto importantíssimo que Costa abordou em seu estudo e que de forma alguma se pode deixar de abordar aqui, é a intertextualidade, essa que é desenvolvida pelos meios existentes para que seja produzido mais obras através da arte tecnológica. Mesclando e fazendo o “intercâmbio” de diferentes linguagens em outras, *Essa familiaridade resultava do fato de que qualquer linguagem, fosse ela a música ou a arquitetura, embora concebida por diferentes princípios estéticos, refletia a mesma mentalidade geradora.* (COSTA, 1998, p. 64). Exemplos: traduções, adaptações, citações, versões, releituras, entre outros. O que acaba ampliando o mercado de consumo da indústria cultural.

A arte em seu processo evolutivo, transformador e renovador foi se desenvolvendo durante os tempos tanto teoricamente quanto tecnicamente, o que fez com que a crítica de Arte se beneficiasse disso, visto que produz história. Atualmente a mesma tem se voltado à formação de público para que assim haja fruição estética.

Através da técnica, a fruição vem acontecendo sob meios para melhorar a recepção estética da obra diante do público, isso através de realces, iluminações e arranjos diferenciados; o que dá acesso e proporciona o convite da arte: [...] *a arte deixou de convidar o observador a um mergulho estético para ao invés, alerta-lo, incomodá-lo, desestabilizá-lo e até agredi-lo.* (COSTA, 1998. p. 71).

O artista além de ter autonomia diante de sua produção deve também expressar uma postura crítica a respeito da vida social de seu tempo. Ou seja, gera abertura para a crítica social, a busca pela transformação humana. Isso também faz parte da demanda da atualidade, pois a Arte tem buscado a constante interação com o espectador, assim fazendo de tudo para ser descoberta através da contemplação (onde há experiência estética), ou melhor, interação com o espectador.

Então é por causa disso que em grandes centros urbanos a Arte buscou esse contanto com o povo saindo de seus espaços convencionais para ir a ruas e praças. A estética e a fruição ultimamente têm se unido para gerar uma percepção maior nas pessoas, já que o mundo contemporâneo é regido pela velocidade, tudo tem que ser rápido. O que gera uma popularização dos meios de expressão (sua ampliação e também sua democratização) assim produzindo banalização da imagem.

Essa banalização causou uma nova busca por meios de atuação mais específicos dos artistas, para que assim houvesse a diferenciação entre os artistas amadores. Um dos meios foi a seleção dos "mais experientes" em editais, mostras, exposições e festivais. Assim estando em jogo à qualidade do trabalho desenvolvido e não a grande oferta de tecnologias que a indústria hoje proporciona para que haja uma demasiada democratização arte-tecnológica.

Isso retrata ponto que Costa afirmou em seu livro, a crise do academismo em relação ao amador, tudo se relacionado à grande exploração da imagem.

É possível constatar que a Arte é um ciclo, a cada período ela se transforma e se caracteriza de um modo diferente, renovando sempre o ideal de estética. Sendo a Arte tão dinâmica, e sempre exploradora das expressões valorizadas, gera um esgotamento do poder expressivo da mesma, Gombrich, citado por Costa diz que:

[...] a tendência é que esse padrão artístico vá se modificando e se simplificando com o uso, perdendo, como consequência, poder expressivo. Assim se explicaria a sucessão de estilos artísticos: a perda de seu poder expressivo e de sua capacidade simbólica, gerando nova pesquisa em torno de princípios, forma e conteúdo para a arte. (COSTA, 1998, p. 79)

Exemplos mais claro disso são os movimentos vanguardistas e arte pela arte. Essa renovação normalmente tem acontecido por meio de novas produções e divulgações artísticas da indústria cultural. Tudo isso gera a Pós - modernidade que é:

[...] a convivência de tendências múltiplas, contraditórias, polifônicas, intertextuais, heterogêneas, sustentadas e estimuladas pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa que cobrem o planeta. (COSTA, 1998, p. 84).

Tal estilo artístico em que tudo se tornou arte sem restrições, gerou a demanda de uma estética baseada na desmaterialização, em que trabalha com a propriedade específica da vida humana e, também das diversas manifestações (tornando-se banal, imaterial e incorpóreo).

Segundo Costa, o pós- classicismo veio mudando muita coisa, ele propõe a aproximação da arte e ciência através da informática, lembrando que essas duas não eram aceitas pelo classicismo grego. Essa aproximação gera uma crise pós-clássica, pois uma de suas qualidades é a *Democratização, interatividade, ruptura de formas autoritárias, sincretismo e barateamento do*

produto cultural [...] (COSTA, 1998, p. 92), tudo isso bate de frente com a desmaterialização da obra e do artista, retira assim sua autonomia, pois gera todos os fatores que foi dito acima, como: esgotamento do poder expressivo, profissionalismo X amadorismo, o fato de se tentar entender mesmo o que seria a Arte, Arte-técnica, Indústria cultural, autoria e até a intertextualidade.

Há várias modificações na forma de pensar e produzir Arte nesse contexto. Há visões pessimistas, como a morte da Arte e do artista para dar lugar a tecnologia; e a otimista, essa que percebe mudanças no caráter rotineiro, e elitista da antiga Arte grega. Exemplo: Antes a obra primeiramente ia a julgamento para depois ser exibida, atualmente é ao contrário, pois a arte-técnica permite sua exposição primeiro e, depois seu julgamento.

É, portanto altamente perceptível que, a comunicação de massa e toda a sua cultura ainda de certa forma é influenciada pelos ideais clássicos. Então mesmo que nós estejamos vivendo no período da Arte Pós-clássica ela ainda possui “carga hereditária” do período clássico, como o:

[...] apego à simetria, ao equilíbrio e logicidade narrativa [...], um público seletivo, [...] oposição entre arte e mercado não será ela também, paradoxalmente, um legado da cultura clássica [...], a relação entre arte e lazer, entre arte experimental e indústria cultural. (COSTA, 1998, p. 98).

Uma das coisas que Costa frisou é, o fato de acreditar que por mais que a Arte esteja constantemente em modificação, nada poderá tirar dela o estatuto de OBRA DE ARTE. Pois por mais resistências que ela sofra em relação a influências históricas que modificam a sua forma de ser e, também as rupturas que ela enfrenta constantemente por ser uma forma de expressar pensamentos, a Arte continua demonstrando que é simplesmente aliada ao homem, para assim marcar sua história.